



Os trilhos foram retirados do meio da rua e colocados na barreira

EM DOMINGOS MARTINS, O TREM É ESPERADO POR 24 HORAS.

Texto de Alex Fernandes
fotos de Carlito Medeiros

Em Domingos Martins, uma estação ferroviária está abandonada. Trilhos soltos pelo chão, casas em ruína e muita sujeira completam a paisagem que mais parece a de um depósito de entulhos. Os moradores reclamam, mas, até hoje, todas as providências tomadas foram de caráter paliativo. E para completar este quadro caótico, quem quiser pegar o trem da Leopoldina que por ali passa, deve manter vigília por 24

horas: ninguém sabe quando e a que horas ele vai passar.

A estação ferroviária de Domingos Martins tem mais de 80 anos. Hoje, representa apenas mais um ponto de parada dos trens: se há algum passageiro na beira da linha, o trem pára. Caso contrário, ele vai em frente. Não havendo horário nem dia certo para o trem passar, fica difícil para as pessoas adivinharem sua chegada.

Esse problema ocorreu após o abandono da estação por parte da Leopoldina, devido às dificuldades que surgiram com a construção das rodovias ligando a outras localidades e com a implantação da rodoviária em Campinho, ela não pôde sustentá-la. O frete ficava mais barato pelas estradas de rodagem, já que a gasolina não era tão cara. A renda da estação diminuiu tanto que a Leopoldina não teve nem mais condições de pagar ao agente ferroviário.

Ela foi fechada e a Leopoldina não tem o mínimo interesse em reabri-la ou conservá-la. Com isso, quem sofre é a população local. Antigamente, a Leopoldina conservava a rede pluvial (faziam canaletas que desembocavam diretamente no rio Braço Sul) e o estoto. Hoje, essa rede está toda entupida e cheia de areia. Quando chove, a água se acumula na barreira, ao lado da estrada de ferro, e inunda a rua. Existe ainda um problema parecido na passagem da estrada que leva à localidade de Costa Pereira. Ali existe um bueiro entupido de areia e a água desce da estrada para a estação. O medo dos moradores é que, caso haja uma enchente, as águas, não tendo vias por onde escoar, inundem o local.

Além da água acumulada, existem trilhos e parafusos abandonados há oito meses no meio da rua, o que dá à localidade um aspecto de sujeira. A prefeitura, por sua vez, tomou algumas medidas quanto ao saneamento da rua (melhorou a rede de esgoto) e fez um comunicado ao mestre de linha para que tomasse as devidas providências. No entanto, nada foi feito. Então, o comunicado foi levado diretamente à chefia da Leopoldina (prejudicando, inclusive, o mestre de linha). E, assim, as ferragens foram retiradas do meio da rua e colocadas do outro lado da



Com os canais pluviais entupidos, o lixo se acumula

os funcionários da estação. Hoje, abrigam poeira, aranhas e ratos.

A estação fica a três quilômetros da estrada principal. O acesso é barrento, estreito e mal conservado e não existe qualquer linha de ônibus que sirva ao povoado local (30 famílias vivem ali). Não há farmácia, correio, nem telefone. O hospital fica em Campinho, a sete quilômetros, dos quais três devem ser feitos a pé, numa estrada de barro.

Gustavo Wenersback, morador local há mais de 30 anos, acha que "se fosse mantido um horário certo para Vitória e a estação fosse preservada, muita gente viajaria e o local teria a importância de outros tempos". Consequentemente, as empresas implantariam novamente uma linha de ônibus (elas alegam que uma linha de Campinho para a estação daria prejuízo), o que normalizaria a situação local. "As empresas de ônibus não pensaram nas famílias que aqui residem", diz seu Gustavo, "mas o problema é compreensível".



Antigamente, o transporte era intenso e escoado de Domingos Martins para Costa Pereira, Taquara e outras localidades. As mercadorias vinham do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Os comerciantes locais vinham, então, buscá-las na estação, que teve grande importância no desenvolvimento econômico do município.

Seu Gustavo foi deputado e vereador do município várias vezes e, naquela época, procurava "trazer progresso" para a localidade. Nessa ocasião, a Leopoldina fechou a estação, mas ele conseguiu reabri-la. Depois que terminou seu mandato, ela foi novamente fechada. Isso há oito anos. A gasolina estava relativamente barata e o transporte através das rodovias era economicamente mais adequado. No ano seguinte, em 73, quando começou a crise mundial do petróleo, a situação mudou, mas a estação não foi reaberta.

O trem passa três vezes por semana e não tem horário. Consequentemente, não se pode comprar bilhete e fica muito difícil apanhá-lo. Com o aumento do preço da gasolina, era plausível que o governo federal zelasse pela manutenção da estação ferroviária. Seria mais econômico e beneficiaria tanto a população quanto o governo, diz ele.

Quando a Leopoldina era administrada pelos ingleses, havia interesse na conservação da estação. Eles a exploraram ao máximo e, quando o negócio entrou em declínio, venderam os direitos para o governo federal. Este não reformou as linhas férreas e nem se preocupou em melhorar o atendimento aos passageiros. Hoje, só existe uma

da rua e colocadas ao longo da linha, onde se encontra a barreira.

Existe também uma caixa d'água que está abandonada juntamente com mais três casas, todos de propriedade da Leopoldina. Como ninguém pode habitá-las, elas já estão em precárias condições. Antigamente, serviam para abrigar



A estação está em ruínas há mais de oito anos

linha que vai até Cachoeiro do Itapemirim, ida e volta.

Há um ano e meio, havia um projeto de reforma da estação, mas com o projeto de construção da linha que acompanha a orla do Estado até o Rio de Janeiro, o anterior foi anulado.

Lixo e doença

A pequena estrada de barro que dá acesso à estação tem como maior problema o lixo proveniente de Campinho, que é jogado na nascente de um rio. Esse rio serve a 10 proprietários locais que fazem uso dessas águas poluídas e se vêm bastante prejudicados. Além do mais, o perigo de doença é maior, pois, entre os entulhos, detritos do hospital expõem os moradores a graves riscos.

Muitas reclamações já foram feitas e, inclusive, o DNER verificou se o lixo estava dentro do limite de sua jurisdição — 40 metros de cada lado da estrada. Como não estava, deixou o problema de lado, já que, agora, ele é da competência da Prefeitura.

Leonora Gomes Campos não deu permissão para que esse lixo fosse jogado no seu terreno e já fez três apelos à Prefeitura, mas não foi atendida.

A alegação do órgão é de que não existe qualquer lugar que sirva para se jogar o lixo e que, enquanto isso não ocorre, o depósito tem que ser aquele mesmo.

Para a metade adorada de mim.



*Câmaras Kodak.
O presente que eterniza momentos de amor.*

CINE·FOTO·SOM

Eletrônica Yung

Av. Princesa Isabel, 230 - loja 9

PRODUTOS

Kodak

COMPRA AQUI